

DF-Brasília

TRABALHADORES E FREQUENTADORES DECLARAM PAIXÃO PELO ESPAÇO MAIS DEMOCRÁTICO DE BRASÍLIA E LUTAM PARA DERRUBAR O PRECONCEITO CONTRA O LOCAL

CONIC NO PEITO



A PREFEITA, FLÁVIA PORTELA (D), E A GALERA DIVERSIFICADA DO LOCAL: PLANO É OBTER APOIO DO GOVERNO E DA INICIATIVA PRIVADA PARA MANTER O CONIC EM FUNCIONAMENTO 24 HORAS POR DIA

SÉRGIO MAGGIO

DA EQUIPE DO CORREIO

Corre à boca miúda em Brasília que o Conic se movimenta em torno da revitalização do espaço. Estaria se organizando para destruir estigma que o condena ao isolamento de boa parte dos cidadãos. Quem olha de dentro dos carros o gigantesco complexo de prédios, projetado por Lucio Costa, comumente imagina que o território está morto. Habitado somente por gente que oferece perigo por estar à margem da sociedade.

O preconceito é tão forte que torna invisível a pulsação cultural e espontânea do espaço de convívio mais democrático da cidade. É como se o Conic estivesse confinado entre a sua muralha de oito prédios. "Gosto daqui porque a gente entra de um lado e sai no outro", segreda Seu Teodoro, mestre da cultura popular brasileira, frequentador assíduo e indicado à condição de patrimônio imaterial de Brasília.

A frase sábia de Seu Teodoro, maranhense que trouxe os segredos do bumba-meu-boi para o Centro-Oeste, desvela o Conic real, que há tempos está fora do coma. Na quarta-feira à tarde, ele comandava mesa no disputado Café Eldorado. Ao lado, o mímico Miquéias Paz, o músico Paulo Tovar e o produtor Nilson Rodrigues. No vai-e-vem do balcão, a diretora Míriam Virna, o fotógrafo Luís Clementino, jornalistas, estudantes de teatro. A velocidade do burburinho intelectual era contagiante. "O Conic tem alma e não é penada", observa o fotógrafo Alexandre Magno, que instalou estúdio no subsolo do Teatro Dulcina de Moraes.

A câmera fotográfica de Alexandre Magno puxou a diversidade dos habitantes do Conic. Na Galeria do Teatro Dulcina, gente vinda das cenas eletrônica e do hip hop saiu dos subterrâneos para compor a exposição *Movimento*. Alguns deles, organizadores e frequentadores das concorridas festas que balançam os porões grafitados da Faculdade Dulcina de Moraes. "É a galera do movimento cultural, que trabalha nas lojas de skates, nos estúdios de cinema e som", conta a produtora Jenny Choe.

As festas do Dulcina ganharam fama. Bons DJs, povo eclético e lugar inusitado. A combinação encheu de água a boca dos adoradores de picapes. O desejo venceu o medo de alguns jovens que nunca pisaram no Conic. "Houve renovação de público. Isso foi fundamental para o movimento cultural", aponta Jenny.

Há tempos que os eventos culturais se emendam um no

outro. Há uma semana, DJs, bandas e atores comemoram um ano da loja Desacato. No sexta-feira 13, a produtora Rita Rasta vai armar festa com os DJs Celsão, Bola e Léo. Uma semana depois, dia 21, o subterrâneo do Dulcina irá se abrir para o MC Marechal e o DJ Jonas. O movimento é espontâneo e fomentado por comerciantes, pela prefeita do Conic, Flávia Portela, e, fundamentalmente, pelos *coniqueiros*. "São todos aqueles que curtem esse underground, não têm preconceito e adoram o Conic do jeito que ele é, com os skatistas, galera do hip hop, tatuadores, prostitutas", define Thaís Almeida, vendedora da Desacato e vocalista do grupo de trance S.O.U.P.

Auto-estima nas alturas

Um dos principais agentes culturais, a loja Desacato criou estampas que declaram amor explícito ao local. As frases "I love Conic" e "Conic Fashion Week" expõem no peito o sentimento de orgulho em viver naquele espaço. Recentemente, até o ex-deputado Leonardo Prudente, atual secretário do Trabalho do GDF, posou para a coluna 360º, do *Caderno C*, com a camiseta. Em junho, o então distrital transformou-se em arquiinimigo dos *coniqueiros*. Num momento-asneira, abriu a boca e disparou para a jornalista Samanta Sallum, da equipe do *Correio*: "O Conic está feio. Parece um caixote horrível. Deveria ser até implodido". Mexeu em vespeiro tão irado que converteu arrependimento em projeto de lei. O documento, que tramita na Câmara Legislativa, prevê "benefícios no IPTU para quem investir nas fachadas dos prédios".

A auto-estima do Conic anda mesmo nas alturas. A prefeita, Flávia Portela, contabiliza os faxes/e-mails que recebe diariamente. Pedido para encontro de skatistas, para instalação de faculdade... "Não existe em Brasília espaço onde a cultura seja tão espontânea, que brote da própria rua. A sociedade começa a notar esse rebuliço."

Se o Conic roda a mil por hora, por que então a campanha de revitalização? Na cabeça dos *coniqueiros*, uma resposta é recorrente. É preciso que o governo desenvolva estratégia para pôr fim ao preconceito contra o espaço. "Tem que acabar com a imagem de que aqui é lugar barra-pesada. Isso aqui é muito legal por ser eclético. Por ter hip hop, lojas de comics, skates, livrarias, igrejas, prostitutas, cinema pornô. O sacro e o profano lado a lado. Isso é o Conic, um dos territórios mais bacanas do mundo", exalta Alexandre Magno.

CINEMAS SEM CULTO

A produtora Neide Nobre, do Teatro Dulcina, se arrepiou quando viu as duas salas dos extintos cinemas Miguel Nabut e Badya Helleou vazias. A igreja evangélica que ocupava o espaço não renovou o contrato e o grupo Karim pede R\$ 10 mil de aluguel por sala. "A gente podia fazer tanta coisa aqui", sonha.

Flávia Portela corre contra o tempo para evitar que os cinemas tomem outro destino. Entrou com pedido de apoio no governo e de patrocínio na iniciativa privada para que os espaços sejam transformados em salas multiuso. "O Cine Bristol também está fechado e sem uso", aponta. O GDF ainda não se pronunciou. A Igreja Universal ainda detém o Cine Atlântida, enquanto o resistente Ritz, um dos apoiadores da revitalização, mantém-se firme com programação pornô: "Nos bons dias, temos até 200 espectadores", revela a gerente Franciane Carvalho. Os evangélicos, que sempre cobijaram a sala, desapareceram, com as propostas tentadoras de compra.

As idéias fervilham na cabeça de Flávia Portela. De concreto, ela comemora a criação de biblioteca e do centro de exposições artísticas. O espaço multicultural vai funcionar onde hoje é o prédio que abriga a Polícia Militar e Secretaria do Trabalho, que estão em processo de mudança. "Para a revitalização, conseguimos aprovar emenda na bancada da Câmara no valor de R\$ 2 milhões e encaminhamos projeto para o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Precisamos urgentemente restaurar o acervo de Dulcina de Moraes para que toda a cidade tenha acesso ao rico material." Com o governo federal, a prefeitura recebeu verba do Ministério dos Esportes para construir pista de skate. "Em breve, vamos transformar o Conic em setor 24 horas", ambiciona.